

Poesias de Friedrich Hölderlin e de Alfred, Lord Tennyson

Tradução: Newton Cunha

25 poesias de Hölderlin (1770-1843)

I) Metade da Vida

Com peras amarelas pendentes
E cheio de rosas silvestres
A terra à beira do lago,
Vossos graciosos cisnes,
Embriagados de beijos,
Mergulham a cabeça
Na água sobriassagrada.

Ai de mim, onde vou encontrar, quando
For inverno, as flores, e onde
O brilho do sol,
E a sombra da terra?
As paredes permanecem
Silenciosas e frias, ao vento
As bandeiras telintam.

Hälfte des Lebens

*Mit gelben Birnen hängen
Und voll mit wilden Rosen
Das Land in den See,
Ihr holden Schwäne,
Und trunken von Küssen
Tunkt ihr das Haupt
Ins heilignüchterne Wasser.*

*Weh mir, wo nehm ich, wenn
Es Winter ist, die Blumen, und wo
Den Sonnenschein,
Und Schatten der Erde?
Die Mauern stehn
Sprachlos und kalt, im Winde
Klirren die Fahnen.*

II) A primavera

Brilha o sol, os campos verdecem,
Os dias chegam suaves, as plantas florescem,
A noite ressurgue e desce o claro dia
Do céu, dali onde tudo se cria.

Surge o ano e seus tempos que pervagam
A magnificência, e as festas se propagam,
As ações dos homens começam com novos fins e anseio.
Assim são os sinais no mundo, de maravilhas cheio.

Com humildade, Scardanelli

Der Frühling

*Die Sonne glänzt, es blühen die Gefilde,
Die Tage kommen blütenreich und milde,
Der Abend blüht hinzu, und helle Tage gehen
Vom Himmel abwärts, wo die Tag´ entstehen.*

*Das Jahr erscheint mit seinen Zeiten
Wie eine Pracht, wo sich Feste verbreiten,
Der Menschen Tätigkeit beginnt mit neuem Ziele.
So sind die Zeichen in der Welt, der Wunder viele.*

Mit Unterthänigkeit, Scardanelli

III) A Glória

A Deus, o mavioso, um som se entrelaça
Que conduz à escuta conhecida, pois maravilhosa,
De uma vida célebre, clara e grandiosa,
Seja ela carente ou opulenta por graça.¹

As alegrias da terra, os bens e a bondade
O jardim, a árvore, a vinha e seu guardião,
Tudo me parece do céu a caridade
Concedida pelo espírito aos filhos da multidão.

Se alguém com bens se vê afortunado
Com frutas no jardim e de ouro enfeitado,
A morada e a casa, o que haveria, então,
A mais no mundo para deleitar o coração?

¹ De um camponês, que anda a pé, ou de senhor que anda a cavalo.

Der Ruhm

*Es knüpft an Gott der Wohllaut, der geleitet
Ein sehr berühmtes Ohr, denn wunderbar
Ist ein berühmtes Leben groß und klar,
Es geht der Mensch zu Fuße oder reitet.*

*Der Erde Freuden, Freundlichkeit und Güter,
Der Garten, Baum, der Weiberg mit dem Hüter,
Sie scheinen mir ein Widerglanz des Himmels,
Gewahret von dem Geist den Söhnen des Gewimmels.*

*Wenn Einer ist mit Glitern reich beglückt,
Wenn Obst den Garten ihm, und Gold ausschmucket
Die Wohnung und das Haus, was mag er haben
Noch mehr in dieser Welt, sein Herz zu laben?*

IV) Grécia

Como são os homens, esplêndida é a vida,
Os homens são por vezes senhores da natureza
A esplêndida terra dos homens não está escondida
A noite e a manhã surgem com clara beleza.
Os campos abertos são como nos dias de colheita
Em que com espírito a velha lenda é refeita
Uma nova vida da humanidade se descortina,
E assim o ano em silêncio se vai e declina.

Griechenland

*Wie Menschen sind, so ist das Leben prächtig,
Die Menschen sind der Natur oft mächtig,
Das prächt'ge Land ist Menschen nicht verborgen.
Mit Reiz erscheint der Abend und der Morgen.
Die offenen Felder sind als in der Erndte Tage
Mit Geistigkeit ist weit umher die alte Sage,
Und neues Leben kommt aus Menschheit wieder
So sinkt das Jahr mit einer Stille nieder.*

V) O imperdoável

Se vós vos esqueceis dos amigos, se zombais do artista,
E parca e maldosamente entendeis o espírito mais profundo,
Deus vos perdoa, mas não perturbeis
Nunca a paz dos amantes.

Das unverzeihliche

*Wenn ihr Freunde vergeßt, wenn ihr den Künstler höhnt,
Und den tieferen Geist klein und gemein versteht,
Gott vergibt es, doch stört nur
Nie den Frieden der Liebenden.*

VI) Na Esperança

Ó esperança! gentil! laboriosamente bondosa
Vós que não desprezais a casa dos enlutados,
Feliz e nobre servidora! Entre
Os mortais e os poderes celestiais,
Onde vós vos encontrais? pouco vivo eu; já respira friamente
Minha noite. E em silêncio, como sombras,
Aqui me encontro; e destituído do cantar,
O coração estremecido dorme no peito.
No vale verde, lá onde a fresca fonte
Escorre da montanha todos os dias, e as adoráveis
Flores outonoatemporais para mim desabrocham,
Lá, no silêncio, gentil sentimento, quero
Procurar-te, ou quando, à meia-noite,
A vida invisível no bosque se agitar
E acima de mim as sempre felizes
Flores, brilharem estrelas fluorescentes,
Ó filha do éter! Aparece então
Dos jardins de teu pai, e se não podes ser
Um Espírito da terra, vem e excita,
Excita o meu coração.

An die Hoffnung

*O Hoffnung! holde! gütiggeschäftige!
Die du das Haus der Trauernden nicht verschmähst,
Und gerne dienend, Edle! zwischen
Sterblichen waltest und Himmelsmächten,
Wo bist du? wenig lebt' ich; doch atmet kalt
Mein Abend schon. Und stille, den Schatten gleich,
Bin ich schon hier; und schon gesanglos
Schlummert das schauernde Herz im Busen.
Im grünen Tale, dort, wo der frische Quell
Vom Berge täglich rauscht, und die liebliche
Zeitlose mir am Herbsttag aufblüht,
Dort, in der Stille, du Holde, will ich
Dich suchen, oder wenn in der Mitternacht
Das unsichtbare Leben im Haine wallt,
Und über mir die immerfrohen
Blumen, die blühenden Sterne glänzen,
O du des Äthers Tochter! erscheine dann
Aus deines Vaters Gärten, und darfst du nicht
Ein Geist der Erde, kommen, schröck', o
Schröcke mit anderem nur das Herz mir.*

VII) O Passeio

As vossas belas florestas ao lado,
De verde pendor colorido,
Para onde vou chamado,
E pela doce paz retribuído.
Para cada espinho no coração,
Quando sombrio se faz o sentido,
Na arte e no espírito também há o aguilhão
E desde o princípio foi sempre sentido.

No vale, eis a bela imagem
De árvores e jardins, se costuma dizer,
E a passarela estreita na paisagem
Donde o ribeirão mal se pode ver.
Que bonito, de longe e bonançoso,
Brilha para mim este quadro sereno,
Um cenário deveras venturoso.
Venha visitá-lo com tempo ameno.

Amigavelmente nos guia a divindade
Com seus azuis luminosos
Depois, com cúmulos em quantidade,
Cinzentos e buliçosos,
Com raios abrasados e trovoada,
Com o atrativo de campos e montes,
Com uma beleza jorrada
Das imagens primordiais das fontes.

Der Spaziergang

*Ihr Wälder schön an der Seite,
Am grünen Abhang gemalt,
Wo ich umher mich leite,
Durch süße Ruh bezahlt
Für jeden Stachel im Herzen,
Wenn dunkel mir ist der Sinn,
Den Kunst und Sinnen hat Schmerzen
Gekostet von Anbeginn.*

*Ihr lieblichen Bilder im Tale,
Zum Beispiel Gärten und Baum,
Und dann der Steg, der schmale,
Der Bach zu sehen kaum,
Wie schön aus heiterer Ferne
Glänzt einem das herrliche Bild
Der Landschaft, die ich gerne
Besuch' in Witterung mild.*

*Die Gottheit freundlich geleitet
Uns erstlich mit Blau,
Hernach mit Wolken bereitet,
Gebildet wölbig und grau,
Mit sengenden Blitzen und Rollen
Des Donners, mit Reiz des Gefilds,
Mit Schönheit, die gequollen
Vom Quell ursprünglichen Bilds.*

VIII) O Amor

Quando vós esqueceis os amigos, e todos os Vossos,
Ó vós que sois agradecidos, se os vossos poetas desprezais,
Deus vos perdoe, mas honrem
Ao menos a alma dos amantes.

Pois, onde mais existe vida humana,
Agora que tudo está subordinado ao jugo da ansiedade?
Eis por que mesmo Deus
Há muito vaga despreocupado sobre nós.

Como sempre, o ano é frio e sem canções
Mas no tempo previsto, nos campos nevados,
Brotam sim as verdes hastes,
E um pássaro solitário canta com frequência.

Quando o bosque se alarga lentamente, a correnteza se agita,
E sopra suavemente a brisa da tarde, mais amena,
À hora escolhida,
Eis o sinal de uma época mais bela,

Aquilo em que acreditamos nasce de modo singular,
Simplesmente nobre e honesto, e sobre o firme
Solo indomado do Amor,
Filho de Deus, e d'Ele somente.

Sê abençoada, ó planta celestial,
Mantida por cantos, quando a força
Dos etéreos néctares te sustentam,
Quando o novo raio criador te amadurece.

Cresce e torna-te floresta! Um mundo mais vivo,
Em plena floração! Língua dos enamorados,
Sê a língua do país,
A sua alma e o som do povo!

Die Liebe

*Wenn ihr Freunde vergeßt, wenn ihr die Euern all,
O ihr Dankbaren, sie, euere Dichter schmäht,
Gott vergeb es, doch ehret
Nur die Seele der Liebenden.*

*Denn o saget, wo lebt menschliches Leben sonst,
Da die knechtische jetzt alles, die Sorge, zwingt?
Darum wandelt der Gott auch
Sorglos über dem Haupt uns längst.*

*Doch, wie immer das Jahr kalt und gesanglos ist
Zur beschiedenen Zeit, aber aus weißem Feld
Grüne Halme doch sprossen,
Oft ein einsamer Vogel singt,*

*Wenn sich mählich der Wald dehnet, der Strom sich regt,
Schon die mildere Luft leise von Mittag weht
Zur erlesenen Stunde,
So ein Zeichen der schönern Zeit,*

*Die wir glauben, erwächst einziggenügsam noch,
Einzig edel und fromm über dem ehernen,
Wilden Boden die Liebe,
Gottes Tochter, von ihm allein.*

*Sei gesegnet, o sei, himmlische Pflanze, mir
Mit Gesange gepflegt, wenn des ätherischen
Nektars Kräfte dich nähren,
Und der schöpfrische Strahl dich reift.*

*Wachs und werde zum Wald! eine beseeltere,
Vollentblühende Welt! Sprache der Liebenden,
Sei die Sprache des Landes,
Ihre Seele der Laut des Volks!*

IX) Os Carvalhos

Dos jardins venho a vós, filhos da montanha!
Nos jardins, onde a natureza vive caseira e pacientemente,
Cuidada e recuidada por pessoas zelosas;
Mas vós, Magníficos! estais como um povo de titãs
Em um mundo domado e pertenceis apenas a vós e ao céu,
Que vos alimenta e vos formou, e à terra que vos deu à luz.
Nenhum de vós foi ainda à escola dos homens,
E vós vos impelis livremente, desde vigorosa raiz,
Lado a lado para o alto, e agarrai, como a águia à presa,
Com braço poderoso, no espaço e contra as nuvens,
A grande e ensolarada coroa.
Cada um de vós é um mundo, como as estrelas no céu;
Viveis, sendo cada um de vós um deus, em livre união.
Se pudesse suportar a escravidão, jamais invejaria
Esse bosque, aconchegando-me com prazer à vida gregária.
Se mais não me prendesse o coração à vida social,
Que do amor não se desfaz, prazerosamente habitaria entre vós!

Die Eichbäume

*Aus den Gärten komm ich zu euch, ihr Söhne des Berges!
Aus den Gärten, da lebt die Natur geduldig und häuslich,
Pflegend und wieder gepflegt mit dem fleißigen Menschen zusammen.
Aber ihr, ihr Herrlichen! steht, wie ein Volk von Titanen
In der zahmeren Welt und gehört nur euch und dem Himmel,
Der euch nährt' und erzog, und der Erde, die euch geboren.
Keiner von euch ist noch in die Schule der Menschen gegangen,
Und ihr drängt euch fröhlich und frei, aus der kräftigen Wurzel,
Untereinander herauf und ergreift, wie der Adler die Beute,
Mit gewaltigem Arme den Raum, und gegen die Wolken
Ist euch heiter und groß die sonnige Krone gerichtet.
Eine Welt ist jeder von euch, wie die Sterne des Himmels
Lebt ihr, jeder ein Gott, in freiem Bunde zusammen.
Könnt ich die Knechtschaft nur erdulden, ich neidete nimmer
Diesen Wald und schmiegte mich gern ans gesellige Leben.
Fesselte nur nicht mehr ans gesellige Leben das Herz mich,
Das von Liebe nicht läßt, wie gern würd ich unter euch wohnen!*

X) Desculpa

Sagrada criatura! Estorvei-te a dourada
Paz divina frequentemente e a mais secreta,
Profunda dor da vida,
Muitas vezes a aprendeste de mim.

Ó, esquece e perdoa! Como as nuvens
Diante da pacífica Lua, para ali vou,
E tu repouses e brilhe novamente
Em tua bela e doce luz!

Abbitte

*Heilig Wesen! gestört hab ich die goldene
Götterruhe dir oft, und der geheimeren,
Tiefen Schmerzen des Lebens
Hast du manche gelernt von mir.*

*O vergiß es, vergib! gleich dem Gewölke dort
Vor dem friedlichen Mond, geh ich dahin, und du
Ruhst und glänzt in deiner
Schöne wieder, du süßes Licht!*

XI) Às Parcas

Concedei-me um só verão, poderosas Parcas!
E um outono que amadureça meu canto,
Dispondo o coração aos doces
Jogos que saciam, e então que eu morra.

A alma, que em vida o direito divino não teve,
Também no Orco não descansa;
Mas se lograr a santidade do poema,
Que repousa em meu coração,

Bem-vindo então, ó silêncio do reino das sombras!
Estou contente, mesmo se minha lira
Para lá não me conduz. Por uma vez
Vivo como deuses, e nada me falta.

An die Parzen

*Nur Einen Sommer gönnt, ihr Gewaltigen!
Und einen Herbst zu reifem Gesange mir,
Daß williger mein Herz, vom süßen
Spiele gesättiget, dann mir sterbe.*

*Die Seele, der im Leben ihr göttlich Recht
Nicht ward, sie ruht auch drunten im Orkus nicht;
Doch ist mir einst das Heilge, das am
Herzen mir liegt, das Gedicht, gelungen,*

*Willkommen dann, o Stille der Schattenwelt!
Zufrieden bin ich, wenn auch mein Saitenspiel
Mich nicht hinab geleitet; Einmal
Lebt ich, wie Götter, und mehr bedarfs nicht.*

XII) À Primavera

Vi as faces envelhecerem e a força dos braços definhar.

Tu, meu coração! ainda não envelheces; como a deusa Lua despertou
O filho predileto do céu, a Alegria, liberta-te do sono;
Pois ela desperta comigo para uma nova e ardente juventude,
Minha irmã, a doce natureza, e meus amados
Vales sorriem para mim, e os meus arvoredos mais queridos,
Repletos dos alegres cantos das aves e cujos ventos brincalhões
Animam, com vontade agreste, a saudação amigável a mim dirigida.
Tu que rejuenesces os corações e os campos, ó sagrada primavera,
Saúdo-te! Primogênita do tempo! Primavera retemperante,
A primeira a brotar no germinar do tempo! Salve, Poderosa!
O grilhão rompeu-se; e ouvem-se cânticos festivos,
Assim que as margens tremam no rio; nós, jovens, hesitamos,
Vibramos ali onde a correnteza te exalta, descobrimos, ó Sabugueiro,
tua aragem amorosa, e com peito ardente precipitamo-nos na corrente,
Regoziamo-nos com ela e te chamamos de irmão!
Irmão! Como ele dança bem, com alegria mil vezes maior,
Ah! e com mil vezes mais amor no éter sorridente,
A tua terra dança, desde que dos vales do Elísio
Tu te aproximaste dela com o teu cajado mágico, efebo celestial!
Não vemos como ela então cumprimenta simpaticamente o orgulhoso amante,
O dia sagrado, quando ele, vitorioso das sombras, brilha sobre as montanhas!
Como ela, ruborizando-se suavemente sob o véu
De aromas prateados, eleva os olhos com doces expectativas,
Até que dele resplandeça, e seus filhos pacíficos
Todos, flores e bosques, sementes e videiras em broto.
Durma, durma agora, Mãe Terra, com seus mansos filhos,
Pois Helios há muito conduziu os ardentes corcéis

Ao descanso, e os amigáveis heróis do céu
Perseu aqui, e Hércules ali, flutuam em calma.
O amor se foi e, quietamente, a murmurante brisa noturna vagueia,
Sua alegre sementeira, e os riachos que ecoam ao longe,
Sussurram canções de ninar...

An die Frühling

Wangen sah ich verblühen, und die Kraft der Arme veralten.

*Du mein Herz! noch alterst du nicht; wie Luna den Liebling
Weckte des Himmels Kind, die Freude, vom Schlafe dich wieder;
Denn Sie erwacht mit mir zu neuer, glühender Jugend,
Meine Schwester, die süße Natur, und meine geliebten
Tale lächeln mich an, und meine geliebteren Haine,
Voll erfreulichen Vogelgesangs, und scherzender Lüfte,
Jauchzen in wilder Lust der freundlichen Gruß mir entgegen.
Der du Herzen verjüngst, und Fluren, heiliger Frühling,
Heil dir! Erstgeborner der Zeit! erquickender Frühling,
Erstgeborner im Schoße der Zeit! Gewaltiger! Heil dir,
Heil! die Fessel zerriß; und tönt dir Feiergesänge,
Daß die Gestad erbeben, der Strom, wir Jünglinge taumeln,
Jauchzen hinaus, wo der Strom dich preist, wir enthüllen, du Holder,
Deinem Liebeshauche die glühende Brust, und stürzen hinunter
In den Strom, und jauchzen mit ihm, und nennen dich Bruder.
Bruder! wie tanzt so schön, mit tausendfältiger Freude,
Ach! und tausendfältiger Lieb im lächelnden Äther
Deine Erde dahin, seit aus Elysiums Talen
Du mit dem Zauberstab ihr nahtest, himmlischer Jüngling!
Sahn wir nicht, wie sie freundlicher nun den stolzen Geliebten
Grüßt', den heiligen Tag, wenn er kühn vom Siege der Schatten
Über die Berge flammt! wie sie sanfterrötend im Schleier
Silberner Däfte verhüllt, in süßen Erwartungen aufblickt,*

*Bis sie glühet von ihm, und ihre friedlichen Kinder
Alle, Blumen und Hain', und Saaten und sprossende Reben,
Schlummre, schlummre nun, mit deinen friedlichen Kindern,
Mutter Erde! denn Helios hat die glühenden Rosse
Längst zur Ruhe gelenkt, und die freundlichen Helden des Himmels,
Perseus dort, und Herkules dort, sie wallen in stiller
Liebe vorbei, und leise durchstreift der flüsternde Nachthauch
Deine fröhliche Saat, und die fernher tönenden Bäche
Lispeln Schlummergesänge darein ...*

XIII) A Primavera

O sol retorna para novas alegrias,
O dia ressurgue em raios, como é a flor,
A natureza torna o espírito criador,
E faz nascer suas canções e sinfonias.

O mundo repousa no vale pastoril
E reluzente é a manhã primaveril;
O dia e a vida da noite brilham do alto
E o sentido do contemplar ganha ressalto.

Der Frühling

*Die Sonne kehrt zu neuen Freuden wieder,
Der Tag erscheint mit Strahlen, wie die Blüte,
Die Zierde der Natur erscheint sich dem Gemüte,
Als wie entstanden sind Gesang und Lieder.*

*Die neue Welt ist aus der Tale Grunde,
Und heiter ist des Frühlings Morgenstunde,
Aus Höhen glänzt der Tag, des Abends Leben
Ist der Betrachtung auch des innern Sinns gegeben.*

XIV) Visão

O plenodia é para os homens aclarada imagem
Quando o verde na planura ao longe resplandece,
Antes que a luz do dia, que o crepúsculo amortece,
Se faça suave e acalme o rumor dessa passagem.

O interior do mundo parece por vezes velado
E o sentido humano incerto, desesperançado;
Mas o esplendor da natureza alegra seu dia
Afastando a sombria e duvidosa pergunta que o fendia.

Com humildade, Scardanelli

Aussicht

*Der off'ne Tag ist Menschen hell mit Bildern,
Wenn sich das Grün aus ebner Ferne zeigt,
Noch eh' des Abends Licht zur Dämmerung sich neiget,
Und Schimmer sanft den Klang des Tages mildern.*

*Oft schein die Innerheit der Welt umwölkt, verschlossen,
Des menschen Sinn von Zweifeln voll, verdrossen;
Die prächtige Natur erheitert seine Tag
Und ferne steht des Zweifels dunkle Frage.*

Mit Unterthänigkeit, Scardanelli.

XV) O Espírito do Tempo

Os homens se encontram neste mundo para viver,
Como são os anos, como os tempos fazem querer,
Assim como existe a mudança, há muitas verdades,
E a constância vem com as diferentes idades;
A perfeição com esta vida bem se irmana
Pois isso condiz com uma nobre estirpe humana.

Com humildade, Scardanelli.

Der Zeitgeist

*Die Menschen finden sich in dieser Welt zum Leben,
Wie Jahre sind, wie Zeiten höher streben,
So wie der Wechsel ist, ist übrig vieles Wahre,
Dass Dauer kommt in die verschied'nen Jahre;
Vollkommenheit vereint sich so in diesem Leben,
Dass diesem sich bequemt der Menschen edles Streben.*

Mit Unterthänigkeit, Scardanelli.

XVI) O que é Deus?

O que é Deus? desconhecido, no entanto
A face do céu está repleta de seus
Atributos, dele. Mesmo os relâmpagos.
A ira é um Deus. Cada um, é um.
Invisível, esgueira-se no desconhecido. Mas o trovão
É a glória de Deus. O amor pela imortalidade,
O que se possui, como o que possuímos,
É de um Deus.

Was ist Gott?

*Was ist Gott? unbekannt, dennoch
Voll Eigenschaften ist das Angesicht
Des Himmels von ihm. Die Blitze nemlich
Der Zorn sind eines Gottes. Jemehr ist eins
Unsichtbar, schicket es sich in Fremdes. Aber der Donner
Der Ruhm ist Gottes. Die Liebe zur Unsterblichkeit
Das Eigentum auch, wie das unsere,
Ist eines Gottes.*

XVII) O Verão

Os dias se vão ao sussurro de ventos suaves,
Mas se o esplendor dos campos se turva de nuvens graves,
O horizonte se une aos montes no crepúsculo tardio,
Lá onde se agitam as ondas de um ruidoso rio.

As sombras dos bosques se estendem ao redor e adiante,
E entre elas desliza um ribeiro, mais distante;
Visível, em tais horas, é o cenário definido
Quando o homem se depara com seu próprio sentido.

Scardanelli

Der Sommer

*Die Tage gehn vorbei mit sanfter Lüfte Rauschen,
Wenn mit der Wölke sie der Felder Pracht vertauschen,
Des Thales Ende trifft der Berge Dämmerungen,
Dort, wo des Stromes Wellen sich hinabgeschungen.*

*Der Wälder Schatten sieht unhergebreitet,
Wo auch der Bach entfernt hinuntergleitet,
Und sichtbar ist Ferne Bild in Stunden,
Wenn sich der Mensch zu diesem Sinn gefunden.*

Scardanelli

XVIII) Para Zimmer²

De que necessita um homem, digo eu,
Quando é bom e sábio?
Há algo mais de que esta alma precise?
É uma haste, uma videira madura sobre a Terra.

Cultivada nos arredores? Este é também o sentido.
A amiga é comumente a amada e, mais ainda,
A arte. Oh mui querida, digo-te a verdade:
O espírito de Dédalo e das florestas é teu.

An Zimmern

*Von einem Menschen sag ich, wenn der gut
Und weise, was bedarf er? Is irgend eins
Das einer Seele gnüget? Ist ein Halm, ist
Eine gereifte Reb' auf Erden.*

*Gewachsen, die ihn nähre? Der Sinn ist des
Also, ein Freund ist oft die Geliebte, viel
Die Kunst. O Theurer, dir sag ich die Wahrheit:
Dädalus Geist und des Waldes ist deiner.*

² Marceneiro amigo e hospedeiro de Hölderlin.

XIX) O Outono

As lendas, que da Terra se afastam
Do espírito que viveu e está de volta,
Retornam à humanidade, e muito nos ensinam
Como o tempo, que apressado se solta.

Os quadros do passado não são abandonados
Pela natureza, tal como os dias os têm legados.
No alto verão, o outono sobre a Terra revém,
E no céu o espírito da chuva também.

Em pouco tempo muitas coisas terminam.
O lavrador, que com seu arado capina,
Vê como o ano alegremente para o fim se inclina.
E com essa imagem as horas do dia findam.

A Terra, com seus rochedos coloridos,
Não é como as nuvens de contornos indefinidos.
Mostra-se como um dia dourado
E o apuro é sem reproche, intocado.

Der Herbst

*Die Sagen, die der Erde sich entfernen,
Vom Geiste, der gewesen ist und wiederkehret,
Sie kehren zu der Menscheit sich, und vieles lernen,
Wir aus der Zeit, die eilends sich versehret.*

*Die Bilder der Vergangenheit sind nicht verlassen
Von der Natur, als wie die Tag' verblassen.
In hohem Sommer, kehrt der Herbst zur Erde nieder,
Der Geist der Schauer findetsich am Himmel wieder.*

*In kurzer Zeit hat vieles sich geendet,
Der Landmann, der am Pfluge sich gezeiget,
Er siehet, wie das Jahr sich frohmen Ende neiget,
In solchem Bildern ist des Menschen Tag vollendet.*

*Der Erde Rund mit Felsen ausgezieret,
Ist wie die Wolke nicht, die Abends sich verlieret.
Es zeigt sich mit einem goldnen Tage,
Und die Vollkommenheit ist ohne Klage.*

XX) O Homem

Quando o homem vive de si e todo o resto transparece,
É como se um dia fosse de outro desatado.
Pois este homem excelente para o resto se oferece
Afastado da natureza e intocado.

Assim está só em outra vida distante,
Onde a primavera torna-se verde, e amigo o verão,
Até que o outono no inverno se precipite então
E as nuvens ao redor de nós flutuem e adiante.

Der Mensch

*Wenn aus sich lebt der Mensch und wenn sei Rest sich zeigt,
So ist's als wenn ein Tag sich Tagen unterscheidet,
Dass ausgezeichnet sich der Mensch zum Reste neiget,
Von der Natur getrennt und unbedeinet.*

*Als wie allein ist er andern weiten Leben,
Wo rings der Frühling grünt, der Sommer freundlich weilet
Bis dass das Jahr im Herbst hinunter eilet,
Und immerdar die Wolke uns umschweben.*

XXI) Sobre Aquiles

Estou contente que fales de Aquiles.

É meu preferido entre os heróis, tão forte e tão doce, a mais acabada e a mais efêmera floração do mundo dos heróis, “assim nascido para tão pouco tempo”, segundo Homero, justamente porque é belo.

Gostaria de pensar que o velho poeta o deixa tão pouco revelar-se nas ações, e permite aos demais barulharem, enquanto seu herói descansa na tenda, para que ele só um pouco se profane no tumulto diante de Troia.

Auf Aquile

Mich freut es, dass du von Achill sprichst.

Er ist mein Liebling unter den Helden, so stark und zart, die gelungenste und vergänglichste Blüthe der Heroewelt, “so für kurze Zeit geboren”, nach Homer, eben weil er so schön ist.

Ich möchte auch fast denken, der alte Poët lass’ ihn nur darum so wenig in Handlung erscheinen, und lasse die andern lärmern, indess sein Held im Zelte sitzt, um ihn so wenig, wie möglich unter dem Getümmel vor Troja zu profanieren.

XXII) A árvore

Quando menino, tímido te plantei
Bela planta! Quão diferente nos vemos.
Estás esplêndida e
Como um menino.

Der Baum

*Da ich ein Kind, zag pflanzte ich dich
Schöne Pflanze! Wie sehn wir nun verändert uns.
Herrlich stehst und
Wie ein Kind vor.*

XXIII) Pela Morte de uma Criança

A beleza é própria da infância,
Talvez seja de Deus a imagem, -
Sua virtude é a calma assonância,
Também os anjos são dignos de homenagem.

Auf den Tod eines Kindes

*Die Schönheit ist den Kindern eigen,
Ist Gottes Ebenbild vielleicht, -
Ihr Eigentum ist Ruh und Schweigen
Das Engeln auch zum Lob gereicht.*

XXIV) Natureza e Arte (ou Saturno e Júpiter)

Tu dominas no alto do dia e prosperas a tua
Lei, tu manténs a balança, filho de Saturno!
E distribuis os destinos e repousas feliz
Na glória das artes imortais dos governantes.

Mas no abismo, se dizem os cantores,
Tu mantiveste o sagrado Pai, o próprio, outrora
Desterrado e no fundo lastimado,
Lá, onde os selvagens, frente a ti, são lei;

Inocente, o Deus da Idade de Ouro há muito permanece:
Em outros tempos, e sendo maior do que tu,
Não proferiu qualquer mandamento
E nenhum mortal invocava-lhe o nome.

Desçe pois! e não te envergonhes de reconhecer!
E se quiseses ficar, serve ao mais velho,
E concede-lhe, diante de todos,
Deuses e homens, que o cantor o nomeie!

Pois, como das nuvens vem o teu relâmpago,
Dele vem o que é teu, vê! assim, dá-lhe testemunho
Do que extorquiste, e de Saturno
Veio a paz, um poder adulto.

E apenas no coração o que é vivo
Senti e revelou-se o que tu geraste,
Crendo adormecido no berço as delícias
Do tempo em mudança.

Conheço-te, Cronos! Então ouço-te,
Ó sábio mestre, que, como nós, é filho
Do tempo, que dita leis e o que
A sagrada penumbra anuncia.

Natur und Kunst (oder Saturn und Jupiter)

*Du waltest hoch am Tag und es blühet dein
Gesetz, du hältst die Waage, Saturnus Sohn!
Und teilst die Los' und ruhest froh im
Ruhm der unsterblichen Herrscherkünste.*

*Doch in den Abgrund, sagen die Säng' sich,
Habst du den heiligen Vater, den eignen, einst
Verwiesen und es jammre drunten,
Da, wo die Wilden vor dir mit Recht sind,*

*Schuldlos der Gott der goldenen Zeit schon längst:
Einst mühelos, und größer, wie du, wenn schon
Er kein Gebot aussprach und ihn der
Sterblichen keiner mit Namen nannte.*

*Herab denn! oder schäme des Danks dich nicht!
Und willst du bleiben, diene dem Älteren,
Und gönn es ihm, daß ihn vor allen,
Göttern und Menschen, der Säng' nenne!*

*Denn, wie aus dem Gewölke dein Blitz, so kömmt
Von ihm, was dein ist, siehe! so zeugt von ihm,
Was du gebeutst, und aus Saturnus
Frieden ist jegliche Macht erwachsen.*

*Und hab ich erst am Herzen Lebendiges
Gefühlt und dämmert, was du gestaltetest,
Und war in ihrer Wiege mir in
Wonne die wechselnde Zeit entschlummert:*

*Dann kenn ich dich, Kronion! dann hör ich dich,
Den weisen Meister, welcher, wie wir, ein Sohn
Der Zeit, Gesetze gibt und, was die
Heilige Dämmerung birgt, verkündet.*

XXV) Pão e vinho

Mas nós, amigo, chegamos demasiado tarde. Certo é que os deuses vivem,
Mas acima de nós, lá em cima, noutro mundo.
Agem sem fim e parecem pouco se importar
Se vivemos, tanto os celestiais nos evitam.
Pois nem sempre pode um frágil vaso contê-los,
O homem só por algum tempo suporta a plenitude divina.
O sonho deles é sobre a vida. Mas o desvario
Ajuda, como o sono revigora a necessidade e a noite
Até que suficientes heróis tenham crescido em berço de bronze,
Com corações tão fortes como são os dos celestiais.
Chegam com estrondo. Muitas vezes, no entanto, me parece
Ser melhor dormir do que estar sem companheiros,
Então, aguardar e fazer algo e dizer,
Pois para que servem poetas em tempos de indignância?
Mas eles são, dizes, como sacerdotes santos do deus do vinho
Que, de terra em terra, vagueavam em noite sagrada.

Brod und wein

*Aber Freund! wir kommen zu spät. Zwar leben die Götter
Aber über dem Haupt droben in anderer Welt.
Endlos wirken sie da und scheinen wenig zu achten,
Ob wir leben, so sehr schonen die Himmlischen uns.
Denn nicht immer vermag ein schwaches Gefäß sie zu fassen,
Nur zu Zeiten erträgt göttliche Fülle der Mensch,
Traum von ihnen ist drauf das Leben. Aber das Irrsal
Hilft, wie Schlummer und stark machet die Not und die Nacht,
Bis daß Helden genug in der ehernen Wiege gewachsen,
Herzen an Kraft, wie sonst, ähnlich den Himmlischen sind.
Donnernd kommen sie drauf. Indessen dünket mir öfters*

*Besser zu schlafen, wie so ohne Genossen zu sein,
So zu harren und was zu tun indes und zu sagen,
Weiß ich nicht und wozu Dichter in dürftiger Zeit?
Aber sie sind, sagst du, wie des Weingotts heilige Priester,
Welche von Lande zu Land zogen in heiliger Nacht.*

11 Poesias de Alfred, Lord Tennyson (1809-1892)

I) **Quebra, quebra, quebra**

Quebra, quebra, quebra

Em tuas pedras cinzentas e frias, ó Mar!

E quis que minha língua pudesse proferir

Pensamentos que em mim viessem aflorar.

Ah, bom para o filho do pescador,

Que com sua irmã grita na folia!

Ah, bom para o jovem marinheiro,

Que trauteia em seu barco na baía!

E seguem os navios imponentes

Para o refúgio sob a colina;

Pelo toque da mão vanescida,

E o som de uma voz em surdina!

Quebra, quebra, quebra

Ao pé dos teus penhascos, ó Mar!

Mas o encanto do dia findo

Para mim não irá retornar.

Break, break, break,

*On thy cold gray stones, O Sea!
And I would that my tongue could utter
The thoughts that arise in me.*

*O, well for the fisherman's boy,
That he shouts with his sister at play!
O, well for the sailor lad,
That he sings in his boat on the bay!*

*And the stately ships go on
To their haven under the hill;
But O for the touch of a vanish'd hand,
And the sound of a voice that is still!*

*Break, break, break
At the foot of thy crags, O Sea!
But the tender grace of a day that is dead
Will never come back to me.*

II) A Águia

Ela agarra o penhasco com garras dobradas;
Mais próxima do sol, em terras apartadas,
Circulando o azul com vistas aguçadas.

Rasteia-lhe por debaixo o mar enrugado;
Ela observa, do paredão escarpado,
E como um raio desce o grande ser alado.

The Eagle

*He clasps the crag with crooked hands;
Close to the sun in lonely lands,
Ring'd with the azure world, he stands.*

*The wrinkled sea beneath him crawls;
He watches from his mountain walls,
And like a thunderbolt he falls.*

III) **Claribel**

Onde ali Claribel descansa
As brisas se detêm e morrem,
Despetalando as rosas finas;
E o solene carvalho lança
Folhas ambrosíacas, divinas,
Com uma velha melodia
De uma íntima agonia,
Onde ali Claribel descansa.

À noite ressoa o besouro
Em meio à mata tuberosa:
E a abelha, no dia vindouro,
O faz sobre a campa limosa:
À noite surge a lua serva
Que a tudo solitária observa.
Do tentilhão ouve-se o canto,
Onde o melro também se assenta
E o jovem tordo pia entanto;
Desborda a onda sonolenta,
O riacho murmura e avança,
E a gruta vazia o som relança
Onde ali Claribel descansa.

Claribel

*Where Claribel low-lieth
The breezes pause and die,
Letting the rose-leaves fall:
But the solemn oak-tree sigheth,
Thick-leaved, ambrosial,
With an ancient melody
Of an inward agony,
Where Claribel low-lieth.*

*At eve the beetle boometh
Athwart the thicket lone:
At noon the wild bee hummeth
About the moss'd headstone:
At midnight the moon cometh,
And looketh down alone.
Her song the lintwhite swelleth,
The clear-voiced mavis dwelleth,
The callow throstle lispeth,
The slumbrous wave outwelleth,
The babbling runnel crispeth,
The hollow grot replieth
Where Claribel low-lieth.*

IV) O Panteísmo Superior

O sol, a lua, as estrelas, os mares, as colinas e planuras,
Não são estes, ó Alma, a Visão d'Aquele que reina das alturas?
Não é Ele a Visão, embora não seja Ele aquilo que pareça bisonho?
Os sonhos são verdadeiros enquanto duram, e não vivemos em sonho?
A Terra, essas estrelas sólidas, o peso do corpo, dos membros e o coração,
Não são eles símbolos e sinais de Sua separação?
O mundo é escuro para ti; tu és a própria razão disso,
Pois Ele não é tudo, e só tu tens o poder de sentir-te imisso?
Glória ao teu redor, sem ti; e tu cumpres o teu destino,
Fazendo-O com brilhos imperfeitos e um esplendor murcho e ambarino.
Fala com Ele, pois Ele ouve, e Espírito com Espírito podem se encontrar.
Ele está mais perto do que o hálito, e mais do que mãos e pés podem estar.
Deus, Ó Alma, é lei, dizem os sábios, e nos alegremos entre nós,
Pois se Ele troveja pela lei, o trovão ainda é Sua voz.
A lei é Deus, dizem alguns; não há Deus algum, e o idiota faz troça,
Pois tudo o que podemos ver é um bastão dobrado em uma poça;
E o ouvido do homem não pode ouvir, e o olho do homem não pode ver;
Mas não seria Ele tal Visão, se pudéssemos ver, ouvir e entender?

The Higher Pantheism

*The sun, the moon, the stars, the seas, the hills and the plains,-
Are not these, O Soul, the Vision of Him who reigns?
Is not the Vision He, tho' He be not that which He seems?
Dreams are true while they last, and do we not live in dreams?
Earth, these solid stars, this weight of body and limb,
Are they not sign and symbol of thy division from Him?
Dark is the world to thee; thyself art the reason why,
For is He not all but thou, that hast power to feel "I am I"?
Glory about thee, without thee; and thou fulfillest thy doom,
Making Him broken gleams and a stifled splendour and gloom.
Speak to Him, thou, for He hears, and Spirit with Spirit can meet-
Closer is He than breathing, and nearer than hands and feet.
God is law, say the wise; O soul, and let us rejoice,
For if He thunder by law the thunder is yet His voice.
Law is God, say some; no God at all, says the fool,
For all we have power to see is a straight staff bent in a pool;
And the ear of man cannot hear, and the eye of man cannot see;
But if we could see and hear, this Vision - were it not He?*

V) Kraken (o Monstro Marinho)

Sob os estrondos da imensa profundez;
Longe, muito longe, no mar abissal,
O monstro dorme um sono antigo, sem surpresa,
De sonhos inviolável; desmaia a luz sideral
Por seus lados sombrios: e acima dele crescem, completas,
Enormes esponjas de altura milenar;
E distante, na luz mortíça a se debruçar,
De muitas grutas maravilhosas e celas secretas
Incontáveis e enormes pólipos
Balançam com braços gigantes o verde adormecido.
Lá ele repousa há séculos e repousará,
Devorando, no sono, enormes vermes marinhos,
Até que o último fogo aqueça os fundos caminhos;
Então, uma vez visto por homens e por anjos aferido,
Ele se erguerá rugindo e à flor das águas morrerá.

The Kraken

*Below the thunders of the upper deep;
Far, far beneath in the abysmal sea,
His ancient, dreamless, uninvaded sleep
The Kraken sleepeth: faintest sunlights flee
About his shadowy sides: above him swell
Huge sponges of millennial growth and height;
And far away into the sickly light,
From many a wondrous grot and secret cell
Unnumber'd and enormous polypi
Winnow with giant arms the slumbering green.
There hath he lain for ages and will lie
Battening upon huge seaworms in his sleep,
Until the latter fire shall heat the deep;
Then once by man and angels to be seen,
In roaring he shall rise and on the surface die.*

VI) A Casa Abandonada

A Vida e o Pensamento se foram agastados
E talvez por vias incertas,
Esquecendo portas e janelas abertas;
Inquilinos bem descuidados!

Como à noite, tudo ali dentro escureceu,
Janelas sem luz, apenas o breu;
E na entrada, nenhum murmúrio audiente
Antes nos gonzos tão frequente.

Mantenha-se a porta e a persiana fechada,
Ou veremos pela janela
A nudez, a ausência exposta e a mazela
Da casa escura e abandonada.

Vamos embora; não se tem mais alegria
Aqui, nem sons de diversão.
A casa, que da terra pingue aqui se erguia,
Voltará a cair no chão.

Vamos embora; pois a Vida e o Pensamento
Aqui não habitam mais,
Mas numa gloriosa cidade -
Numa cidade grande e distante – encontraram alento,
Numa mansão que não se corrompe jamais.
Quem dera terem ficado por gosto e vontade.

The Deserted House

*Life and Thought have gone away
Side by side,
Leaving door and windows wide;
Careless tenants they!*

*All within is dark as night:
In the windows is no light;
And no murmur at the door,
So frequent on its hinge before.*

*Close the door, the shutters close,
Or thro' the windows we shall see
The nakedness and vacancy
Of the dark deserted house.*

*Come away; no more of mirth
Is here or merry-making sound.
The house was builded of the earth,
And shall fall again to ground.*

*Come away; for Life and Thought
Here no longer dwell,
But in a city glorious -
A great and distant city - have bought
A mansion incorruptible.
Would they could have stayed with us!*

VII) Lágrimas, ociosas lágrimas

Lágrimas, lágrimas ociosas, não sei o que significam,
Lágrimas das profundezas de algum divino desespero
Surgem no coração e nos olhos se recolhem,
Olhando os felizes campos de outono,
E pensando nos dias que já não existem.
Frescas como o primeiro raio a cintilar na vela de um barco,
Aqueles que trazem para cá nossos amigos do submundo,
Tristes como o último que por alguém se ruboriza,
Que afundam, com tudo o que amamos, abaixo da margem;
Tão tristes, tão frescos, os dias que já não existem.
Ah, tristes e estranhos como nas sombrias auroras de verão
O primeiro canto dos pássaros semidespertos
Aos ouvidos e olhos moribundos,
A janela lentamente se transforma em quadro cintilante;
Tão tristes, tão estranhos, os dias que já não existem.
Caros como beijos lembrados após a morte,
E doces como aquelas desesperanças e falsas fantasias
Em lábios que pertencem a outros; profundos como o amor,
Profundos como o primeiro amor, e selvagens com todo o arrependimento;
Ó Morte em Vida, os dias que já não existem!

Tears, Idle Tears

from The Princess

*Tears, idle tears, I know not what they mean,
Tears from the depth of some divine despair
Rise in the heart, and gather to the eyes,
In looking on the happy Autumn-fields,
And thinking of the days that are no more.
Fresh as the first beam glittering on a sail,
That brings our friends up from the underworld,
Sad as the last which reddens over one
That sinks with all we love below the verge;
So sad, so fresh, the days that are no more.
Ah, sad and strange as in dark summer dawns
The earliest pipe of half-awakened Birds
To dying ears, when unto dying eyes
The casement slowly grows a glimmering square;
So sad, so strange, the days that are no more.
Dear as remembered kisses after death,
And sweet as those by hopeless fancy feigned
On lips that are for others; deep as love,
Deep as first love, and wild with all regret;
O Death in Life, the days that are no more!*

VIII) Flor na muralha fendida

Flor na muralha fendida,
Arranco-te da brecha rompida,
Seguro-te aqui, raiz e tudo, em minha mão,
Pequena flor - mas se pudesse compreender
o que tu és, raiz e tudo, e tudo do ser,
eu deveria saber o que Deus e o homem são.

.

Flower in the crannied wall

*Flower in the crannied wall,
I pluck you out of the crannies,
I hold you here, root and all, in my hand,
Little flower – but if I could understand
What you are, root and all, and all in all,
I should know what God and man is.*

IX) O Melro

Ó melro! Faz-me ouvir o teu cantar:
Se nos vizinhos de nada desfrutas
Eu mantenho um quintal cheio de frutas
Onde podes cantar, comer e morar.

O renque de arbustos aqui plantado
E a grama, de tão bela fioritura,
A cereja brava que cresce escura
Tudo é teu neste jardim bem cuidado.

Mas no correr da primavera, então,
Teu prazer foi não se mover um tico
Com a adaga dourada de teu bico
Aflita pelas maçãs do verão.

Um bico de ouro! A fala de prata,
Está seca nas temporadas frias;
A abundância corrompe as melodias
Que te deram prestígio na vulgata.

E nos jardins com que tu te amasias
Teu trinado se fez grosseiro e pouco
Não te ouço bem, ou ouço-te rouco,
Como um mascaste a vender mercancias.

Cautela! Aquele que não canta e espera
Enquanto o sol prospera na estiagem,
Cantará antes da nova folhagem,
Preso às palmas frias da Primavera.

The Blackbird

O blackbird! sing me something well:

*While all the neighbors shoot thee round,
I keep smooth plats of fruitful ground,
Where thou mayst warble, eat, and dwell.*

The espaliers and the standards all

*Are thine; the range of lawn and park;
The unnetted black-hearts ripen dark,
All thine, against the garden wall.*

Yet, tho' I spared thee all the spring,

*Thy sole delight is, sitting still,
With that gold dagger of thy bill
To fret the summer jenneting.*

A golden bill! the silver tongue,

*Cold February loved, is dry;
Plenty corrupts the melody
That made thee famous once, when young:*

And in the sultry garden-squares,

*Now thy flute-notes are changed to coarse,
I hear thee not at all, or hoarse
As when a hawker hawks his wares.*

Take warning! he that will not sing

*While yon sun prospers in the blue,
Shall sing for want, ere leaves are new,
Caught in the frozen palms of Spring.*

X) O Esplendor Recai

O esplendor recai sobre as muralhas do castelo
E os cumes nevados antigos na história:
A longa luz treme sobre os lagos
E a catarata selvagem salta em glória.
Sopra, clarim, sopra, faz voar os ecos selvagens,
Sopra, clarim; morrendo, os ecos respondem às mensagens.
Escuta, ouve! Quão fino e claro,
E cada vez mais fino, mais claro, mais distante!
Quão doce e longe do penhasco e da cicatriz,
As trompas dos Elfos sopram suavemente o descante!
Toca, ouçamos os vales de púrpura confabulando,
Toca, clarim; morrendo, os ecos se vão replicando.
Ó amor, eles morrem no rico céu além,
Desmaiam na colina, no campo ou no rio:
Nossos ecos rolam de alma em alma,
E crescem sempre e eternamente.
Sopra, clarim, sopra, faz voar os ecos selvagens,
Respondam, ecos, morrendo respondam às mensagens.

The Splendor Falls

from The Princess

The splendor falls on castle walls

And snowy summits old in story:

The long light shakes across the lakes

And the wild cataract leaps in glory.

Blow, bugle, blow, set the wild echoes flying,

Blow, bugle; answer, echoes - dying, dying, dying.

O hark, O hear! how thin and clear,

And thinner, clearer, farther going!

O sweet and far from cliff and scar

The horns of Elfland faintly blowing!

Blow, let us hear the purple glens replying,

Blow, bugle; answer, echoes--dying, dying, dying.

O love they die in yon rich sky,

They faint on hill or field, or river:

Our echoes roll from soul to soul,

And grow forever and forever.

Blow, bugle, blow, set the wild echoes flying,

And answer, echoes, answer - dying, dying, dying.

XI) Cruzando a Barra³

O pôr do sol e a estrela da tarde,
Uma clara chamada para mim!
Que na barra não haja alarde
Quando eu a cruzar para o mar, enfim;

Tal como o fluxo que, ao mover-se, parece adormecido,
Mas tão cheio para que som e espuma possa gerar,
Ou o que das profundezas infinitas foi expelido
E retorna novamente ao lar.

Sino e final da tarde esmorecida
E logo depois, eis a escuridão!
Que não haja pesar na despedida,
Quando eu embarcar para a solidão.

Embora, fora dos limites do nosso Tempo e Espaço,
Longe eu vá se a torrente se desgarrar,
Espero ver meu Piloto após o algaço,
Quando tiver, por fim, transposto a barra.

³ Deixando a vida.

Crossing the Bar

*Sunset and evening star,
And one clear call for me!
And may there be no moaning of the bar,
When I put out to sea;*

*But such a tide as moving seems asleep,
Too full for sound and foam,
When that which drew from out the boundless deep
Turns again home.*

*Twilight and evening bell,
And after that the dark!
And may there be no sadness of farewell,
When I embark;*

*For tho' from out our bourne of Time and Place
The flood may bear me far,
I hope to see my Pilot face to face
When I have crost the bar.*